

Para além das armas: outras formas de resistência indígena frente à expansão portuguesa na Capitania do Rio Grande

Itamazeo Tarquínio do Lago Moura

Graduação em História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A chamada Guerra do Açu (c.1687 - 1720), grosso modo, pode ser explicada pela expansão das fazendas de gado para o interior da capitania do Rio Grande, sendo assim um dos principais motivos para o conflito entre os povos indígenas denominados na documentação colonial por “tapuias” e os portugueses pela posse das terras da região. A historiografia mais tradicional ligada ao Instituto Histórico, e até estudos acadêmicos recentes tendem a apontar a violência generalizada que ocorrera na região dos conflitos. Contudo, é possível constatar na documentação trocada entre autoridades locais e a Coroa portuguesa que mesmo obtendo vitórias sobre estes indígenas, os portugueses encontraram outras formas de resistência como, por exemplo, a fuga deles para a capitania do Ceará, quando solicitavam missionários para serem aldeados e até uma resistência tácita aos preceitos religiosos cristãos. O objetivo desse trabalho é demonstrar que para além das armas, os tapuias usaram outras formas de resistência para enfrentar a colonização imposta por Portugal.

Palavras Chaves: Capitania do Rio Grande; Guerra do Açu; Resistência Indígena.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, Portugal organizou expedições com o intuito de encontrar ouro e outros metais no interior do Brasil. Na Capitania do Rio Grande, estas expedições tinham além deste primeiro objetivo, aprisionar índios para o serviço braçal e envio destes para a Metrópole. Estas expedições contribuíram para a interiorização da capitania, bem como para a expansão de uma nova atividade econômica instalada em solo potiguar e que era proibida de ser realizada no litoral: a pecuária. Esta serviu como um dos elementos de conquista do colono português. Com esse avanço na interiorização da capitania, os índios, sobretudo, os denominados politicamente como Tapuias, vão perdendo seu espaço para esta nova atividade econômica e colonizadora, contribuindo assim para a expansão territorial das terras da capitania.

Com a expansão da pecuária, o elemento indígena foi sendo obrigado a se afastar de suas terras, passando assim a bater de frente com essa atividade expansionista: “Muitos estados do Nordeste foram colonizados por criadores de gado. Em poucos anos, a pecuária nordestina se expandiu, criando uma área de atrito com os índios”ⁱ.

O incentivo para a interiorização e penetração no Brasil, deu-se no período Filipino que contribuiu para as ações dos colonizadores e missionários. Aos poucos, a

pecuária foi tomando o espaço antes ocupado pelo índio e foi levada para o interior da região do Nordeste, chegando até o agreste e o sertão.

Dada à expulsão dos holandeses da capitania, a colonização das terras potiguares dar-se inicialmente no governo de Vaz Gondim, empurrando o índio ainda mais para o interior da referida terra.

Foi na administração de Antônio de Barros Rego que a colonização avançou pelo sertão. Os colonos vão penetrando no interior da capitania, buscando as vantagens proporcionadas pela pecuária. Cresce a criação de gado no sertão, mas os colonos têm de conter as frequentes rebeliões dos índios, que aumentam substancialmente com o povoamento dos sertõesⁱⁱ.

Este trabalho tem como objetivo, mostrar que além da resistência bélica, os Tapuias encontraram outros meios para se opor a colonização portuguesa. Estas barreiras encontradas pelos portugueses são apresentadas em documentos trocados entre as autoridades locais e pelo conselho Ultramarino.

A EXPANSÃO DA PECUÁRIA E SEUS ANTECEDENTES

O processo de interiorização e ocupação do território indígena, ou seja, a perda da terra, para os portugueses, não se deu apenas pela atividade pecuária, mas também pela perda da terra através da violência imposta pelo colonizador. Essa violência pode ser caracterizada através da escravização, catividades, aldeamentos e até mesmo o genocídio dos indígenas. O avanço do gado no interior da Capitania do Rio Grande vem associado às doações de sesmarias. Nelas, o colono efetivava a criação das fazendas de gado junto às margens de cursos d'água principalmente os rios perenes. Em outras palavras, para se efetivar a interiorização da capitania era necessário extinguir o elemento que impedia a dominação portuguesa: o índio.

Encontramos dentro do processo de expansão territorial do Nordeste brasileiro, o conflito ocorrido entre colonos portugueses e índios Tapuias, denominado como Guerra dos Bárbaros, aqui na capitania Rio Grande, este conflito ficou conhecido como Guerra do Açú.

A disposição das fazendas de gado seguia sempre as margens dos rios, uma vez que esta era a única forma de garantir água – elemento indispensável à ocupação da região. O São Francisco e o Parnaíba eram os rios perenes cujas margens se juntavam as populações. Outros ainda irrigavam a região, dentre os quais destacamos o Jaguaribe e, sobretudo, o Açú, por ter sido as suas margens que ocorreram as principais hostilidadesⁱⁱⁱ.

Esse conflito durou aproximadamente duas décadas e contribuiu para a quase extinção dos índios na capitania do Rio Grande. O embate entre índios e portugueses deu-se durante o governo de Pascoal Gonçalves Carvalho.

Os Tapuias, diferentes dos potiguares, pertenciam a uma complexa quantidade de grupos, troncos linguísticos diferentes, vivendo assim na parte mais interiorana da capitania, conseqüentemente havendo assim o menor contato entre eles e os colonizadores.

A GUERRA DO AÇU

Dentro do conflito da Guerra dos Bárbaros, encontra-se na região da capitania do Rio Grande, um episódio onde houve por parte dos indígenas um dos maiores e mais violentos confrontos com portugueses pela posse e manutenção da terra conhecido como Guerra do Açú. Vários foram os termos utilizados pelos historiadores e cronistas para descreverem as estratégias de exclusão brutal dos povos indígenas que habitaram o interior norte-riograndense. A visão cultural do colonizador enxergava, através de uma ideologia religiosa, a noção simplista de que o índio era o obstáculo ao processo civilizatório português e que era “necessário” catequizá-lo para “salvar suas almas” e criar missões com o intuito de “pacificá-los”^{iv}.

Na verdade, escondia-se atrás desses pretensos objetivos “virtuosos”, o desejo real de se apossar das terras indígenas, para que estes não criassem mais “problemas” com ataques aos fazendeiros que se aventuravam mata adentro com o gado. O viés econômico (final do século XVII) estava calcado no crescimento da pecuária (ciclo do couro) e no enfraquecimento do ciclo do açúcar (em decorrência da concorrência das Ilhas do Caribe).

Dentre os grupos indígenas que participaram do conflito contra os portugueses, encontram-se os Kariris. Estes, inicialmente habitaram o litoral nordestino na região que compreendia desde o Rio Itapicuru, no Maranhão, até o Sul da Bahia e “de lá foram expulsos pelos Tupiniquim e, posteriormente, pelos Tupinambás. Quando alcançaram o interior, dividiram-se em diversas tribos”^v.

O relacionamento entre os povos indígenas Tapuias e os portugueses foi criado a partir da imagem que se construiu do elemento Tapuia. Esse é apresentado como sendo “gente brava, silvestre”, e até mesmo segundo Joan Nieuw: “julgava-os piores que todos os outros brasileiros”^{vi}.

Dentro desse conflito, diversos grupos indígenas lutaram contra a ação do colonizador em suas terras. As disputas pela manutenção da terra (índio) e pela posse (português) deram-se de forma isoladas ou aliadas a outros. Existiram, ainda, aquelas que se voltaram contra “seus próprios parentes e outras diversas nações bárbaras” combatendo a favor dos colonizadores^{vii}.

Quando aliadas, entretanto teve sua resistência ampliada, chegando alguns autores a denominar de “Confederação dos Cariris” a referida guerra, demonstrando a aliança que se estabeleceu entre essas nações indígenas do grupo denominado genericamente Tapuia^{viii}.

Como havia um clima de hostilidade entre os diferentes grupos indígenas, os colonizadores se aproveitavam da discórdia para jogar grupo contra grupo, e assim poder enfraquecê-los e facilmente domina-los. Na realidade, o elemento colonizador vai agravar as rixas existentes entre os diversos grupos. Contudo, mesmo se utilizando das diferenças para enfraquecer os Tapuias, verifica-se que em muitos momentos do conflito, os indígenas, amenizavam suas inimizades e passavam a combater o inimigo maior: o branco.

Os primeiros sinais dos conflitos entre os Tapuias e os colonizadores no Rio Grande do Norte, já são percebidos nos anos de 1655-1657, quando o Capitão –Mor João Fernandes Vieira, que governava a Paraíba, comete uma série de delitos contra os Janduis e os Cariris, mandando uma tropa e *prendendo quatro outros que remeteu a Lisboa, como presente ao Rei de Portugal*, sendo dois deles, filhos do chefe Janduí^{ix}.

Temendo o crescimento da hostilidade dos tapuias, o Capitão-Mor da Paraíba, Matias de Albuquerque Maranhão (1661-1663), pede a regente D. Luísa de Gusmão, que tome providências urgentes tendo em vista que os índios bárbaros Janduis residentes no distrito e sertão da Capitania estavam rebelados e declarados inimigos, causando grande receio à “população branca” do sertão, que se tratam de fazer suas casas fortes em que se possam defender dos repentinos assaltos. Dessa forma, em 1662, a regente ordenou que fosse feita a guerra contra os Janduis, antes que se “*fortalecessem*”^x.

A RESISTÊNCIA INDÍGENA

A medida em que a pecuária vai se expandindo pelo sertão, o índio percebe que seu espaço vai sendo reduzindo pela atividade do colono, e passa a tomar medidas

para impedir o avanço da pecuária. Sua resistência à ação do português dar-se inicialmente através da matança do gado e dos vaqueiros que adentram o interior do sertão. Os Tapuias, passam a atacar moradores, espalhando o medo por onde passavam, como resposta a perda de suas terras.

Vale lembrar que essa atitude de violência por parte dos Tapuias não se deve apenas pela atividade pecuária, mas também em resposta pela escravização dos índios. As táticas de guerra adotadas pelos Tapuias e um profundo conhecimento da região do Vale do Açu e do Seridó eram os trunfos dos indígenas em relação aos invasores. Alguns portugueses alertaram para essas questões ao mencionar que a guerra destes bárbaros é irregular e diversa das mais nações porque não formam exércitos, nem apresentam batalhas na campanha, antes são de salto as suas investidas, ora em outra parte , já junto, já divididos”^{xi}.

Essa irregularidade nos combates deixava as tropas militares portuguesas em desvantagem, pois os índios Tapuias utilizavam o fator surpresa e o conhecimento do terreno como componentes vitais nas batalhas, na defesa de seu próprio espaço e sobrevivência enquanto grupos humanos^{xii}.

Os Tapuias não utilizavam a forma europeia de combater, ou seja, não enfrentavam diretamente os inimigos em campo aberto e de forma organizada em batalhões ou companhias. Pelo contrario, *suas “avançadas são de súbito, dando urros que fazem tremer a terra para meterem terror e espanto e logo se espalham e se metem detrás das arvores”*; desaparecendo de forma tão ligeira quanto apareceu, ou seja, “fazem eles por astucia o que não podem fazer por força, e preferem enganar o inimigo, a experimenta-lo em guerra aberta; mas, compelidos pela necessidade não recuam da luta”^{xiii}.

Outro fato interessante em relação à resistência indígena foi o fato dos Tapuias se adaptarem a utilização de armas de fogo, fazendo de sua resistência um pouco mais bravia e mais perigosa para os portugueses. A obtenção das armas de fogo pelos Tapuias se deu no contato com piratas quando estes rondavam a costa potiguar, mas precisamente na foz do Rio Piranhas/Assu.

Essa aquisição de material bélico ocorria nas compras efetuadas aos soldados, tomado à força aos moradores da capitania, ou adquiridos dos militares mortos em combate. O capitão-mor Bernardo Vieira alegava que os bárbaros eram capazes de se unir com qualquer outra nação que não fosse a portuguesa, dando-se-lhes armas de fogo de que são muito destros contra ela^{xiv}.

Dentro do armamento bélico Tapuia, também encontrava-se a utilização das armas brancas, feitas de ferro, pois o metal fazia parte do seu dia a dia. Na disputa entre portugueses e holandeses, pela amizade dos Tapuias nos últimos anos de ocupação batava na Capitania do Rio Grande, o ferro foi novamente lembrado como peça fundamental pelo chefe Janduí^{xv}.

Para os Tapuias valia qualquer estratégia para garantir a sua sobrevivência e atrapalhar a ação portuguesa. O que os índios Tapuias da Capitania do Rio Grande estavam tentando era manter a própria sobrevivência de seu grupo cultural e a defesa do seu espaço geográfico, de onde eles tiravam o sustento de seus filhos há séculos. Na verdade, eles não queriam era a presença de qualquer tipo de colonizador que viesse a usurpar as terras dos seus antepassados^{xvi}.

A RESISTÊNCIA NÃO ARMADA DOS TAPUIAS

Uma das primeiras formas encontrada pelos Tapuias de não serem mais perseguidos foi o tratado de paz entre Portugal e o Rei Canindé: “O Conselho Ultramarino, em 8 de janeiro de 1693, dirigiu uma consulta ao Rei Dom Pedro II, de Portugal, a respeito das pazes que lhe mandaram pedir os Tapuyas dos campos do Assu em nome do seu Rei Canindé”, então, “no ano de 1694 chegaram ordens do Rei, determinando a concessão de terras para o Rei Canindé, conforme lhe fora prometido por ocasião do tratado de pazes”^{xvii}.

Outra forma de resistir à escravização era a de aceitar serem aldeados por missões religiosas para serem catequizados, assim, estariam “livres” de se tornarem escravos dos portugueses, dificultando assim a mão de obra para os colonizadores. Contudo, as missões religiosas, tentavam inserir no cotidiano indígena o elemento cristão.

Podemos encontrar dentro das documentações trocadas entre a Coroa Portuguesa e autoridades locais, que alguns Tapuias como por exemplo, os Icós, Uriús, Caratiuses e Caritis buscavam persuadir outros índios, mas precisamente da tribo Paiacus a não obedecerem às ordens dos missionários, mas antes, aliar-se a eles e assim destruir os Terço dos Paulistas.

Ao mesmo tempo, que despedi bandeira ao situar as novas missoins, ordenei ao cabo que depois destabelecidas e lhas, mandasse avizo, para lhe enviar mais gente com que fosse castigar huns tapuyas nossos inimigos da nação [Vriús], que têm ido persuadir os Pyacûs não azeitassem missionários, mas antes com elles juntos me vissem destruir^{xviii}.

Contudo, neste mesmo documento, encontra-se a negação dos Paiacus aos demais e a fidelidade deles para com os “vassalos” da Coroa.

Sabendo os Payacûs este meu intento, se anticiparão annos [] sua fidelidade, p^a que visse, q não haveria quem pudesse persuadilhos a tomar mais armas contra os vassalos de VMag^{de}; e a esse respeito forão por si sos dar nestes tapuyas [vriûs], e o fizerão com bom sucesso^{xix}.

A resistência passava pela não obediência às ordens dadas pelo mestre de campo. Outro fator foi à fuga para a Capitania do Ceará, onde os Tapuias após fugirem do Terço dos paulistas, se recolhem em aldeias da já mencionada capitania, querendo eles serem aldeados e assistidos por missionários .

Outro documento mostra a suspeita em relação aos Tapuias por parte do mestre de campo do Terço dos paulistas. Sua desconfiança dar-se por saber que os Tapuias usavam da capacidade de persuadir outros índios, fazendo com que os portugueses criassem um clima de desconfiança com eles:

veyo o seu principal a dizerme, q a sua gente [queria?] festejar a minha vinda, q lhes desse licença p^a me virem dançar agradeçi lhes a lizonja, e p^a q entendessem [mim] havia em mi motivo de desconfiança mandey primr^o ao seu alojam^{to} os Tapuyas q me acompanhão a danção e despedida a nossa vierão elles com a sua^{xx}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este tipo de resistência nos leva a perceber que diante da investida armada do colonizador e do enfraquecimento do elemento indígena na Capitania do Rio Grande, os Tapuias, buscavam dentro do elemento religioso, uma forma para não serem escravizados pelos colonizadores, sendo assim “protegidos” pelas ordens missionárias.

Contudo, não só as ordens missionárias serviram para disfarçar o interesse dos Tapuias em se livrar da ação predatória do colono. Suas táticas de quererem influenciar outros índios serviram para dificultar a expansão no interior da capitania, isso porque uma vez germinando a discórdia entre os grupos indígenas e os colonizadores, os Tapuias retardariam o avanço de Portugal na região do Nordeste.

Sendo este trabalho apoiado nas evidências contidas nos documentos do Conselho Ultramarino, fica claro que a imagem que se tem do índio como um ser selvagem e que buscou somente através da violência armada, dificultar a colonização portuguesa em terras potiguares, pode ser acrescentado à sua luta pela permanência em

sua terra, a capacidade de utilizar a inteligência e a comunicação para enfraquecer o colonizador.

i Trindade, Sergio Luiz Bezerra. *Introdução à História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2007, p. 60.

ii Idem, p. 61.

iii Pires, Maria Idalina da Cruz. *A Guerra dos Bárbaros: Resistência Indígena e conflitos no Nordeste Colonial*. Recife: UFPE, 2002, p. 38.

iv Santos Junior, Valdeci dos. *Os Índios Tapuias do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Vingtum Rosado, 2008, p. 85.

v Pires, Maria Idalina da Cruz. *Op. Cit.*, p. 29.

vi Idem, p. 30.

vii Id. Ibidem, p. 31.

viii Id. Ibidem.

ix Santos Junior, Valdeci dos. *Op. Cit.*, p. 89

x Idem, p. 90.

xi Id. Ibidem, p. 110.

xii Id. Ibidem.

xiii Id. Ibidem, p. 111.

xiv Id. Ibidem, p. 112.

xv Id. Ibidem, p. 114.

xvi Id. Ibidem, p. 116.

xvii Medeiros Filho, Olavo de. *Índios do Açu e do Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 123.

xviii CARTA do mestre-de-campo do Terço dos Paulistas, Manuel Álvares de Moraes Navarro, ao rei (D. Pedro II) sobre o castigo que mandou dar aos tapuias "Uriús", "Caratiuses", "Icós" e "Caratis" que não queriam sujeitar-se à obediência ao rei de Portugal. 11/05/1700. AHU-RN [Arquivo Histórico Ultramarino, Documentos Avulsos do Rio Grande do Norte], cx.1, doc. 51.

xix Idem.

xx CARTA do mestre-de-campo dos Terço dos Paulistas, Manuel Álvares de Moraes Navarro, ao rei [D. Pedro II] obre as vitorias que teve na Ribeira do Açu contra os índios tapuias "Janipabussu, da nação Paiacu"; e queixando-se do Capitão-mor do Rio Grande do Norte, Bernardo Vieira de Melo, pela falta de apoio. 06/05/1700. AHU-RN, cx. 1, doc. 50.